

SINVAL DE ABRANCHES

com ilustrações de  
BETO MARTINS



edital  
**MURILÃO**

— Programa Cultural —  
*Murilo Menes*

**FUNALFA**

**Juiz de Fora**  
Prefeitura



# ONDA DE CALOR

escrito por  
**SINVAL DE ABRANCHES**

ilustrado por  
**BETO MARTINS**

edital  
**MURILÃO**

— Programa Cultural —  
*Murilo Menz*

**FUNALFA**

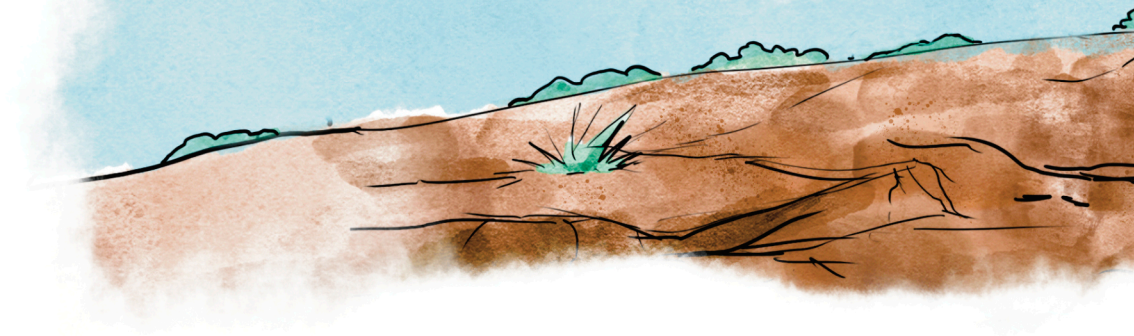
**Juiz de Fora**  
Prefeitura



*Consultoria em biologia e mudanças climáticas*  
Ludmilla Valadares Santos

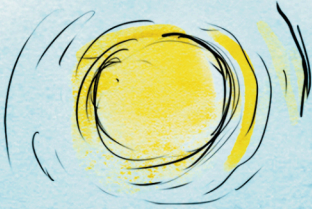
*Criação e projeto gráfico*  
Sinval de Abranches | 42inc.

*Capa e ilustrações*  
Beto Martins | Viana Black Estúdio





Vou contar para o leitor  
Uma história de amargura  
De uma planta e sua cria  
No meio da quentura  
Num sertão de céu de brasa  
Que o Sol sem dó desfigura.





E nesse chão esturricado  
De poeira e solidão  
Vivia ali uma plantinha  
Mostrando obstinação  
Um pé de caju-anão  
Em sua curta estação.



De repente, o fruto cai  
E no chão fica a semente  
A planta-mãe cutucou  
Com seu galho, impaciente  
Vendo que não se mexia  
Fez um plano em sua mente.



Com a raiz, cavou a terra  
Com cuidado e com seu galho  
Fez pra semente um abrigo  
Pra livrá-la do trabalho  
De lutar contra o sol forte  
Sem amparo ou agasalho.





O tempo então se arrastou  
Numa lenta agonia  
Até que lá longe, no céu  
Uma mancha se fazia  
Parecia que a chuvinha  
Finalmente chegaria.



Mas da nuvem tão escura  
Só uma gota pingou  
Que tristeza, que amargura  
A chuva não chegou  
Mas a planta, com bravura  
A semente abrigou.



Com sua folha mais viçosa  
Fez uma sombra, um telhado  
Pra guardar a umidade  
Daquele pingo isolado  
Ficou na mesma postura  
Com seu corpo inclinado.





Curvada, em sacrifício  
O seu verde escureceu  
Começava o seu ofício  
A pobre planta morreu  
Cumprindo o seu suplício  
E em pó se converteu.



A folha, um manto sagrado  
Guardava em si um segredo  
Do chão seco e maltratado  
Nasceu um broto sem medo  
Um pingo de verde ousado  
Findando o grande enredo.



## Ao Leitor

Prezado leitor amigo,  
Já chego ao fim da narração  
Deixo aqui, guardado antigo,  
Versos de meu coração.  
Eu agradeço a paciência,  
De ouvir a minha ciência.

Que a história da plantinha,  
Com sua luta e seu valor,  
Deixe em sua alma a marquinha  
De esperança e de amor.  
Pois na mais rude peleja,  
Sempre é a vida que festeja.

O amanhã não é coisa dada,  
Que a gente aprenda o recado  
Desta semente sagrada  
Que da terra do vil pecado  
Já nada brota deste chão  
Sem o carinho de uma mão.